



Universidade Federal
de Campina Grande

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E SOCIAIS - CCJS
UNIDADE ACADÊMICA DE DIREITO- UAD
CURSO DE SERVIÇO SOCIAL

CLEONICE PEIXOTO ALVES

**MULHER E FUTEBOL: o protagonismo feminino da torcida do Flamengo em
Sousa-PB**

Sousa- PB

2023

CLEONICE PEIXOTO ALVES

MULHER E FUTEBOL: o protagonismo feminino da torcida do Flamengo em Sousa-PB

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Serviço Social da Unidade Acadêmica de Direito-UAD, da Universidade Federal de Campina Grande UFCG, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Serviço Social.

Orientador: Profa. Dra. Maria da Conceição Silva Felix

Sousa- PB

2023

A474m Alves, Cleonice Peixoto.

Mulher e futebol: o protagonismo feminino da torcida do Flamengo em Sousa-PB / Cleonice Peixoto Alves. – Sousa, 2023.
47 f.

Monografia (Graduação em Serviço Social) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Ciências Jurídicas e Sociais, 2023.

"Orientação: Profa. Dra. Maria da Conceição Silva Felix".
Referências.

1. Gênero. 2. Futebol. 3. Torcida Feminina. 4. Machismo. 5. Protagonismo. I. Felix, Maria da Conceição Silva. II. Título.

CDU 305-055.2(043)

CLEONICE PEIXOTO ALVES

MULHER E FUTEBOL: o protagonismo feminino da torcida do Flamengo em Sousa-PB

Aprovado em: ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Professora: Dra. Maria da Conceição Silva Felix (UFCG-Orientadora)

Professora: Me. Franciele da Silva Santos (UFCG-Examinador Interno)

Professor: Me. Anderson Nayan Soares de Freitas (UFCA-Examinador Externo)

Dedico este trabalho a minha mãe, por ser exemplo de mulher corajosa e simplicidade em sua essência, que com todo amor e carinho me direcionou ao caminho do que era justo, a minhas companheiras de arquivancadas que foram fontes de inspirações e a todos que auxiliaram para meu desenvolvimento e crescimento.

AGRADECIMENTOS

A toda minha família pelo amor, cuidado, suporte e apoio absoluto nas minhas escolhas. Especialmente, a meus pais, Cleones Alves e principalmente a minha mãe guerreira, Damiana Peixoto, que fez o possível e impossível para que esse dia se concretizasse. Foi ela a principal responsável por eu ter chegado até aqui, aos meus avós Francisco Peixoto e principalmente a minha avó Francisca Dario a fortaleza e base da família, aos meus tios e tias, especialmente a minha tia Maria dos Remédios que me ajudou no início do curso com meu transporte e a minha tia Eunice Dário que virou minha moto taxi grátis, sem ela não teria finalizado meu estágio.

A meu orientador, Anderson Nayan, que de início me perguntou onde se encaixava o Serviço Social dentro desse tema tão diferente tendo em vista as pautas do curso em suma, mas que depois abraçou a causa e se prontificou e se convidou a ser meu orientador, por seus ensinamentos, apoio, incentivo e confiança e pela infinita paciência em aturar alguns desesperos momentâneos e aos papos sobre torcida e futebol. A minha ex professora, Suamy Soares, pelo incentivo e a ser e primeira a acreditar e me encorajar a seguir em frente e ainda pelas dicas de referências.

As minhas amigas Thamara e Emilly, pelo apoio, afinal somos uma franquia de apoio emocional uma das outras e aos amigos que fiz na faculdade, Wellington (Well), Ana Lídia por me aturarem e me compreenderem e em especial a Rayane uma companheira improvável que se tornou mais que amiga uma confidente e a minha dupla de dois Moisés Elias, por ser além de parceiro de trabalhos e provas um amigo e incentivador, por acreditar no meu potencial quando eu mesma duvidava a cada um de vocês que a seu modo estiveram fortemente na “torcida” por mim.

A todos os professores que fizeram parte de minha formação e aos funcionários da instituição UFCG-Universidade Federal de Campina Grande, Sousa-PB, ao atual presidente da embaixada FlaSousa Dennis Anderson, pelos dados cedidos da torcida e pelas informações, a Everaldo (Chico), por ter feito a ponte entre mim e ele, a Bianca Barros, torcedora e You Tube pela disponibilidade em me conceder a entrevista e em especial a todas as mulheres e meninas que participaram ativamente e prontamente da pesquisa se propondo a me ajudar, agradeço ainda a confiança e o momento cedido para o desenvolvimento das entrevistas em meio a correria do dia a dia.

RESUMO

O presente trabalho tem como disposição fazer uma análise crítica acerca da participação feminina na busca pela construção de espaços igualitários, em meio a torcida feminina do Flamengo da cidade de Sousa-PB. Visando de modo geral explanar a desigualdade de gênero dentro dessa torcida e mais especificamente entender como a sociedade patriarcal demarca e delimita quais os corpos que podem ocupar esses espaços públicos, percebendo os obstáculos encontrados por essas mulheres torcedoras do Flamengo. Realizamos uma pesquisa de caráter qualitativo através do uso de questionários via Google Forms com 14 participantes, 13 torcedoras e um torcedor, presidente da embaixada Fla-Sousa.. A pesquisa tem como base teórica nomes como Netto (2011), Saffioti (2015), Ecoten (2010), Cisne (2013), dentre outros. Podemos perceber que há um crescimento significativo da participação feminina nos estádio, nos bares, nos programas de televisão, nas torcidas organizadas e nos demais espaços historicamente destinados para homens. No entanto, ainda existem diversos entraves para que essas mulheres possam torcer livremente.

PALAVRAS-CHAVE: gênero; futebol; torcida feminina; machismo; protagonismo.

ABSTRACT

The present work has the disposition to make a critical analysis about the female participation in the search for the construction of egalitarian spaces, among the female fans of Flamengo in the city of Sousa-PB. Aiming in general to explain the gender inequality within this crowd and more specifically to understand how the patriarchal society demarcates and delimits which bodies can occupy these public spaces, realizing the obstacles encountered by these women Flamengo fans. We carried out a qualitative research through the use of questionnaires via Google Forms with 14 participants, 13 fans and one fan, president of the Fla-Sousa embassy. Ecoten (2010), Cisne (2013), among others. We can see that there is a significant growth in female participation in stadiums, bars, television programs, organized supporters and other spaces historically intended for men. However, there are still several obstacles for these women to cheer freely.

Keywords: gender, soccer, female crowd, male chauvinism, Protagonism.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. CAPÍTULO I: - CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	11
1. Justificativa e Delimitação do Objeto de Estudo.....	11
1.2 Espaço, Técnica e Perfil.....	15
1.3 Serviço Social e Pesquisa.....	18
3. CAPÍTULO II: A REGRA DO JOGO: DE RESTRIÇÕES DO FUTEBOL PARA IMPOSIÇÕES NA VIDA.....	22
2. O Brasil e sua Função de “Árbitro e Bandeirinha” na Marcação de Impedimento na Vida Social das Mulheres.....	22
2.2 A Mulher como Camisa 10 (Dez): Inserção Feminina no Espaço Futebol, Impedimento; Faltas Graves e Bola Fora.....	27
4. CAPÍTULO III: DO RIO AO SERTÃO TODAS JUNTAS PELA MESMA PAIXÃO: DÁ-LHE, DÁ-LHE, DÁ-LHE MENGÔ, SEREMOS CAMPEÃS.....	35
3. A Glória Eterna da Presença Feminina nas Arquibancadas dos Jogos do Flamengo: De belas, recatadas e do lar, para belas, torcedoras e do bar.....	35
3.2 Sertanejas e Rubro-Negras: Linha Defensiva em Meio ao Grupo de Ataque das Torcedoras de Sousa-PB.....	39
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS.....	44
ANEXOS.....	47

1. INTRODUÇÃO

Esse constructo teórico discute a busca das mulheres por espaços igualitários como protagonistas de suas próprias lutas, especificamente no intuito de torcer livremente. Nesse sentido com o propósito de atrair a atenção para o tema, a pesquisa pontuou o processo das mulheres que resistem para ocupar os espaços públicos, tratando aqui em especial do âmbito das arquibancadas, mesmo sendo um ambiente historicamente cotado para os homens e ainda mostrar para o público, enfatizando o sexo oposto, o debate em torno da desigualdade de gênero.

Essa monografia intitulada “**MULHER E FUTEBOL: o protagonismo feminino da torcida do Flamengo em Sousa-PB**”, tem como objetivo analisar as desigualdades de gênero dentro da torcida do Flamengo na cidade de Sousa-PB. E como objetivos específicos: entender como a sociedade patriarcal demarca delimita quais os corpos que podem ocupar espaços públicos; perceber os obstáculos encontrados pela torcida feminina na materialização do ato de torcer e refletir sobre a importância da representatividade feminina dentro desses espaços demarcados para homens.

Trazemos o ponto de vista de uma torcedora do Rio de Janeiro-RJ, para dar maior ênfase no discurso das torcedoras do sertão, fazendo assim um parâmetro de uma torcedora e influenciadora, com a torcida feminina de uma cidade do interior, para mostrar que o ato de torcer parte sempre do mesmo princípio de nos firmar enquanto torcedoras independente de sua localização, assim como o embasamento e ponto de vista masculino do então presidente da embaixada Fla-Sousa, visando compreender os entraves de ser mulher e torcedora, assim como encorajar outras mulheres a partir da representatividade aqui exposta, mesmo em meio a hostilidade social.

A predileção por esse tema parte do princípio do gosto por futebol e pela instituição Flamengo da pesquisadora que vos fala, algo que me acompanha desde a infância, induzida pelas figuras femininas da minha família, mãe, tia, avó, todas apaixonadas pelo clube e pelo esporte, haja a vista que a prática de torcer sempre esteve no contexto de minha família e ainda a fim de saber a vivência das demais parceiras de arquibancadas e tratar de um assunto tão comentado em outros espaços sociais, mas pouco abordado neste âmbito.

A análise em torno da desigualdade de gênero em espaços públicos ressalta uma importância relevante para se ter um maior domínio, ou seja, uma visão mais ampla da demarcação social de quais espaços os corpos femininos devem ocupar, certamente, levando em consideração a construção da sociedade brasileira dentro dos princípios da família patriarcal. Sendo assim, uma sociedade que tem como time principal a figura masculina, enquanto as mulheres têm suas lutas e posição social deixadas na reserva.

Dessa forma, considerei dar ênfase nessa discussão de gênero, em torno do esporte mais famoso do mundo, o futebol, tendo em vista minha vivência como torcedora e participante corriqueira das arquibancadas, me veio o propósito de manifestar a resistência das mulheres na ocupação desse ambiente cotado para homens, em específico ressaltando a torcida feminina do Flamengo da cidade de Sousa-PB.

Ademais destaca-se o futebol como uma paixão mundial, mas que as(os) brasileiras(os) escolheram como um de seus entretenimentos favoritos, esporte esse que dá característica ao Brasil, no qual é reconhecido como “país do futebol”. Pátria essa majoritariamente composta pelo sexo feminino, tendo essa maioria que se reafirmar diante de uma minoria para mostrar que lugar de mulher é onde ela quiser, inclusive dentro das arenas de futebol, campo demarcado historicamente como para homens.

Dentre esses conceitos do que é para homens e o que é para mulher, me ocorreu falar de algo que está desde sempre presente no meu ciclo tanto familiar, quanto de amizade, pois a presença das mulheres da minha família e amigas em estádios de futebol sempre me pareceu algo comum, levando em consideração que as figuras masculinas da família tinham contato direto com esse meio, sendo alguns até fundadores de time de bairro, então essa participação feminina para acompanhar a jornada das figuras masculinas, tornou a presença de mulheres nas torcidas de jogos de futebol algo habitual para mim.

No entanto com o passar dos anos e o gosto pelo futebol se expandindo para um grande clube do Rio de Janeiro, o Flamengo, me trouxe a realidade do quanto era difícil ser mulher e torcedora no país do futebol, seria esse o país do futebol focado somente no mundo masculino? Descobri que sim.

Entretanto antes de aprofundar-se na participação feminina nas torcidas de futebol, vale ainda retornar e pontuar previamente que desde os primórdios da

colonização do país o modelo da família patriarcal foi inserido na sociedade brasileira, tendo como herança cultural portuguesa tais costumes, no qual a figura masculina mantinha o domínio sobre as mulheres e as crianças. Esse padrão cruzou séculos e até os dias atuais como citado anteriormente, percebe-se a forte influência na dominação familiar.

“Nesse sentido, defende-se que a tendência do patriarcado privado se transmutar em um modelo público, em que o controle e a subordinação das mulheres se dão de forma coletiva, seja no mercado de trabalho, seja através dos serviços de assistência do Estado de bem-estar[...]”. (RESENDE, 2015, p. 20)

Em consequência disso, as mulheres foram sendo direcionadas para funções domésticas do cuidado, enquanto os homens podiam adentrar e ocupar os espaços sociais. Em vista disso, a filósofa Djamila Ribeiro vem discorrendo sobre essa desigualdade e a persistência em não enxergar ou fingir que essa divisão de gênero não exista, ou que seja segundo alguns, o famigerado “mimimi” por parte das mulheres, com isso ela ressalta que:

“Reconhecer o privilégio de ser homem implica mudança de atitude e de comportamento, e sabemos que muitos nem sequer cogitam essa possibilidade. Invocar o conceito de igualdade abstrata quando, concretamente, é a desigualdade que se verifica é se omitir da responsabilidade de lutar por uma sociedade mais justa.” (RIBEIRO, 2014 p.22).

Então por consequência dessa omissão, no mundo do futebol foi somente em 1910, quando o esporte deixa de ser um elemento simbólico e torna-se algo habilitado para o aumento de lucros, que notou-se a importância de novas figuras para o desenvolvimento das partidas, com isso a presença feminina nos estádios de futebol passou a ser validada, mas ainda como acompanhantes de seus pais, irmãos ou maridos.

Porém, foi a partir dessa conquista mínima que as mulheres puderam se fazer presentes nas arquibancadas, de acompanhantes para torcedoras houve grandes resistências por parte das mulheres, de início as mesmas não podiam ocupar as torcidas organizadas, deixando somente as arquibancadas gerais como opção.

De certo modo estão sempre expostas aos preconceitos que persistem, eram elas apontadas por ir aos estádios unicamente por buscar o famoso “flerte”, que significa dizer uma relação amorosa mais ou menos casta, nota-se que a figura feminina está sempre sendo atrelada aos homens, como se houvesse a necessidade de uma figura masculina para que respeitem as mulheres.

Nesse sentido, para conceituar a discussão de gênero, deve-se dizer que ele não tem obrigatoriamente a ver com o sexo biológico, mas sim na maneira em como as relações sociais dividem o que é direcionado ou esperado do papel feminino ou masculino, bem como afirma Bia Ferreira em uma de suas canções:

“O jogo só vale quando todas as partes puderem jogar, sou Frida, sou preta, essa é minha treta me deram um palco e eu vou cantar. Canto pela tia que é silenciada, dizem que só a pia é seu lugar, pela mina que é de quebrada, que é violentada e não pode estudar, canto pela preta objetificada, gostosa, sarada, que tem que sambar, dona de casa limpa, lava e passa Mas fora do lar não pode trabalhar[...]”. (Não precisa ser Amélia, São Paulo, Estúdio Showlivre, 2018, 4:90 min.).

Efetivamente, levar em consideração que são justamente essas imposições da sociedade que fazem com que as mulheres sejam tratadas como sexo frágil, ou ainda sejam ligadas as funções do cuidado, indicando que não possam ocupar certos espaços públicos ou mesmo privados em funções historicamente direcionadas para os homens é que vem sendo coagida a presença e permanência delas nesses lugares, dentre tantas outras imposições para o gênero feminino.

Já no mundo do futebol ou mais precisamente nas arquibancadas, isso torna-se algo ainda mais corriqueiro, piadas do tipo, “aqui não é lugar de mulher”, ou que “lugar de mulher é na cozinha” ou “cuidando da casa”, fora as situações de assédios¹, pois como no século passado, nos dias atuais as mulheres que frequentam os estádios são vistas e apontadas como alguém em busca de um parceiro ou só estão lá por causa de jogador, ou seja, o cenário ainda continua hostil, mesmo depois de tantas lutas.

Todavia há que se mostrar o quão importante são as lutas femininas para tais ganhos, mesmo que estas venham de forma lenta, toda luta desde as primeiras mulheres que ocuparam os estádios unicamente para acompanhar seus maridos até as imposições e resistências atuais foram e são válidas. Pois mesmo sem saber ou sem querer as primeiras mulheres a ocupar esse espaço estavam começando a inclusão feminina nesse âmbito.

Já atualmente as mulheres se inseriam através da união entre elas ganhando o direito de ocupar um lugar nas bancadas gerais, nas torcidas organizadas e de viajar

¹“O assédio pode ser configurado como condutas abusivas exaradas por meio de palavras, comportamentos, atos, gestos, escritos que podem trazer danos à personalidade, à dignidade ou à integridade física ou psíquica de uma pessoa, pôr em perigo o seu emprego ou degradar o ambiente de trabalho.” (Gov.br).

em caravanas, mesmo ainda havendo resistência por parte da ala masculina, entre tantas outras conquistas.

Vale ainda ressaltar, a batalha feminina não só no âmbito de torcer, mas também na persistência em se fazer presente dentro do esporte. Em relatos, considera-se:

“[...]o ano de 1913 para o primeiro jogo de futebol feminino no Brasil, um jogo beneficente para um hospital infantil em São Paulo. No Brasil, a partida de futebol obteve sua primeira realização em 1921, em São Paulo, onde ocorreu o jogo entre os times das senhoritas catarinenses e tremembeenses. A modalidade está a alguns anos atrás em relação modalidade masculinos, pois era proibida por lei em alguns países, no Brasil, por exemplo, a prática só saiu da ilegalidade em 1980[...]”. (APARECIDA, 2020, p. 7-8).

Desse modo as mulheres foram se instalando no mundo do futebol. É óbvio que através de muitos conflitos, persistência e resistência principalmente, fossem elas praticando o esporte ou apresentando programas de grande audiência em tv aberta, como é o caso de Renata Fan que está desde 2007 a frente do programa Jogo Aberto na Band, ou mesmo no simples ato de torcer.

Vale lembrar que o preconceito instalado, afeta não somente as que jogam ou as que trabalham, com as mulheres que torcem isso não é diferente além das questões diretas e explícitas nas arquibancadas como piadas e o assédio. Existe ainda o preconceito velado, quando fazem uma camiseta rosa para nós mulheres, lógico nos dias atuais algumas instituições como é o caso do Flamengo, vendem no mês de outubro como forma de apoio ao outubro rosa, destinado a saúde da mulher, isto é, o mês direcionado ao combate ao câncer de mama, no qual atinge várias brasileiras, sendo esse tipo de câncer “a primeira causa de morte por câncer na população feminina em todas as regiões do Brasil, exceto na região Norte, onde o câncer do colo do útero ocupa essa posição” (Gov.br, 2022).

Por outro lado, tirando o lado bonito da campanha em ação e apoio ao combate ao câncer de mama, falo agora como torcedora fanática e rubro negra que sou, que tanto eu quanto outras amigas preferimos vestir a cor tradicional do clube. Torcer como os outros torcem, entrar no site de venda ou chegar numa loja física e ter todos os mantos de todas as cores disponíveis também para o feminino, que haja a opção de escolher vestir o manto rosa ou o vermelho e preto no caso das flamenguistas e não que seja algo imposto.

Contudo é de fundamental importância ressaltar essa participação feminina nesses espaços para impulsionar as próximas gerações a se incluírem ainda mais

nesse âmbito e mostrar que mesmo com tanta resistência por parte da sociedade machista é possível sim ocupar esses lugares.

“Em caravana é comum você escutar algo do tipo “esse jogo é perigoso pra mulher” e realmente existem situações de risco, naturalmente são jogos onde a atenção é triplicada a partir do momento que sai de casa, mas ainda assim é mais um momento onde você tem que se impor e mostrar que você tá ali ocupando exatamente o mesmo lugar e responsabilidade de qualquer outro homem.” (BARROS, Bianca, 2022).

Dado o exposto percebe-se que a inserção feminina nos espaços públicos está acontecendo, porém há uma longa jornada para combater o preconceito, o assédio e conquistar o direito de ir e vir, ou de torcer sem necessariamente precisar estar na companhia de uma figura masculina para sermos respeitadas.

Desse modo, a pesquisa foi estruturada em dois capítulos.

O primeiro capítulo se desenvolve sobre o Brasil e sua função de “Árbitro e Bandeirinha” na Marcação de Impedimento na Vida Social das Mulheres, relatando conformidade entre um lance de um jogo de futebol com o cotidiano delas, tal qual a Mulher como Camisa dez, isto é, o protagonismo feminino no meio de um esporte tão masculinizado e a inserção feminina no espaço futebol, retratando ainda os impedimentos; faltas graves e bola fora socialmente falando.

No segundo e último capítulo expomos os caminhos metodológicos apresentando o lócus, os sujeitos e as técnicas utilizadas na pesquisa e ainda sobre a glória eterna da presença feminina nas arquibancadas dos jogos do Flamengo, retratando a imposição social de belas, recatadas e do lar, para belas, torcedoras e do bar, para mostrar a força das mulheres nos estádios, em comum acordo em primeiro instante com a entrevista desenvolvida com uma torcedora e influenciadora do Rio de Janeiro, a fim de demonstrar ligação entre o cotidiano de torcedoras da cidade carioca em conformidade com as entrevistas das torcedoras rubro-negras e sertanejas da cidade de Sousa-PB, explicitando a linha defensiva em meio ao grupo de ataque das torcedoras desse clube.

CAPÍTULO I

A REGRA DO JOGO: DE RESTRIÇÕES DO FUTEBOL PARA IMPOSIÇÕES NA VIDA

Nesse capítulo exposto em dois pontos, destacou-se de modo mútuo as regras de uma partida de futebol em semelhança com as imposições sociais, fazendo entender tais regras para demonstrar paridade com as determinações da sociedade para com as mulheres, tais como, preconceito, machismo e assédio, assim como a importância do protagonismo feminino nesse espaço, trazendo de acordo com isso figuras de mulheres que fizeram seu nome no meio do futebol, fosse como profissional direta desse esporte ou mesmo indiretamente como por exemplo, apresentadoras de jornais esportivo, torcedoras, etc. no qual lutam não somente por espaço nesse meio, mas por um espaço onde haja mais respeito com a figura feminina.

1.1 O Brasil e sua Função de “Árbitro e Bandeirinha” na Marcação de Impedimento na Vida Social das Mulheres

Nesse esporte uma das regras mais difíceis de se entender e falo firmemente que esta é complicada para ambos os sexos, trata-se da marcação de um lance de impedimento. Este geralmente marcado pela(o) bandeirinha, caso o lance seja evidente a(o) arbitra(o) podem marcá-lo de imediato, mas claro a(o) bandeira dá sua confirmação, esta marcação ou confirmação se dá através do levantamento da bandeira seguido do movimento de deixá-la apontada para dentro do campo horizontalmente. Já no Brasil a sociedade patriarcal é quem demarca os impedimentos no cotidiano e vida das mulheres.

Em vista disso venho aqui desvendar essa regra do mundo do futebol que vocês perceberão se aplicar muito bem na vida social de nós mulheres, como diria Arnaldo Cezar Coelho “a regra é clara”, mas não clara no sentido de ser fácil de identificá-la, mas de perceber a impossibilidade de finalização da jogada ou em se tratando do jogo da vida, impossibilidade de ocupar espaços sociais livremente, em pesquisas explica-se que há uma linha de impedimento, mas não se animem achando que há uma linha traçada em campo e que ela te guiará na marcação dessa jogada, pois trata-se de uma linha imaginária que você tem que enxerga-la com lance andando, pois bem dentro dessas pesquisas diz que:

“[...] um jogador estará impedido quando estiver no campo de ataque e à frente do último adversário (menos o goleiro). Não há impedimento do

jogador que estiver em seu campo de defesa ou quando há pelo menos dois adversários à sua frente.” (Regra 11-Impedimento; Folha de S. Paulo; 1998).

E aí, entenderam? Se sim, ótimo, mas eu pesquisava e não compreendia o lance, sim isso mesmo, pesquisava. Nunca fui de perguntar nada a homens mesmo que da família, pois queria evitar os olhares tortos ou a diminuição do meu gosto pelo futebol por não entender a regra, na minha cabeça e descobrir que era fato ao longo dos anos, eu via homens conversando sobre o esporte, se um não sabe das regras, se explica numa boa, mas a mulher ter dúvidas se trata simplesmente de “é mulher, explica que não sabe”. Por esses fatores fui assistindo e à medida que surgiam esses lances eu ia me familiarizando um pouco mais.

E desvendei o tal “mistério”, mas para vocês leitoras não passem o mesmo carma que eu, vou aqui explicar sem rodeios ou enfeites essa regra, que fique explícito ela realmente não é fácil, pois como já comentado se trata de algo complexo que se desdobra no lance rapidamente.

Pois bem, vamos lá, imagina o jogo rolando composto por 11 jogadoras(es) cada time e para entender essa regra vamos aqui ressaltar as(o) jogadoras(e) da função zagueiras(o), que estão lá para defender seu lado ou campo de jogo, isso juntamente com a goleira(o), que tem a função de manter a bola longe do fundo da rede, por outro lado existe a função de atacantes e centroavantes, essas(e) como o nome já indica tem a função de atacar e tentar fazer o gol. Que fique claro, qualquer jogadora(o) seja na função defesa, seja no ataque podem fazer gol, até mesmo a goleira(o) e mais, qualquer jogadora(o) pode estar na linha de impedimento não só as(o) zagueiras(o).

Mas vamos ficar com essas funções de zagueira(o) e ataque para entender a regra, já que são os mais comuns estarem nessa jogada, vamos lá, o jogo está em andamento e uma/um jogadora(o) do Flamengo estará indo de encontro a trave para finalizar a jogada. Agora imagine o time adversário montando sua defesa, elas(e) se põe em marcação para não deixar a bola chegar até a jogadora(o) atacante do time do Flamengo, nesse momento elas(e) formam a tal linha, ficam uma/um do lado da outra(o) em pontos extremos, ou seja, uma/um na ponta esquerda, outra(o) direita e outra(o) ao centro.

A marcação do impedimento se dá quando na hora que a(o) jogadora(or) do Flamengo vem trazendo a bola para o campo de ataque e chuta para o atacante fazer o gol, se esta(e) atacante estiver adiantada(o) da linha das(o) zagueiras(o), ou seja, a

frente da defesa, lembrando que a goleira(o) não faz parte dessa jogada ela(e) não vai contar com mulher/homem de defesa, esta jogadora(o) estará impedido de fazer o gol, ou mesmo que o faça o gol não será validado pela arbitra(o) e pela(o) bandeirinha da partida.

De forma mais direta para quem já tem certa familiaridade com as gírias do esporte mas tem dificuldade nesse lance, ele se desdobra quando a jogadora(o) de ataque está na “banheira”, ou seja, a frente da linha de defesa do time adversário na hora do lançamento da bola. Sendo assim impossibilitada(o) de concluir a jogada. Foi dessa forma que passei a compreender o lance e reafirmo de modo solo, pois enquanto mulher preta, brasileira e sertaneja, sinto na pele o que é buscar informações sobre questões ou assuntos direcionado ao público masculino, seja em questões de trabalho ou mesmo lazer, irá sempre ter aquele ar de julgamento por sermos do sexo oposto, assim como é a vida das mulheres que querem aprender algo, ela tem que buscar conhecimento sozinha e ainda se mostrar melhor naquilo do que os homens para serem respeitadas.

Se ainda assim não compreendeu o lance, pois como falei é bem complexo, assistindo as partidas de futebol você irá compreender a regra, pois esta é daquelas coisas que é melhor e mais fácil de compreender vendo do que ouvindo explicações. No mais vou aqui relatar essa regra de acordo com nossas vivências no cotidiano dentro de uma sociedade historicamente patriarcal, talvez assim a entendam.

Portanto, dividirei aqui a família hétero patriarcal tradicional, dentro das regras de um jogo de futebol, para relacionar a regra descrita anteriormente, ou seja, o impedimento, em meio a construção das relações sociais masculinas e femininas. Desse modo, no jogo da vida o patriarcado dita como um árbitro de futebol as regras e seguimentos do que seria direcionado ao masculino e o que seria de competência feminina, respectivamente, cargos de imponência e fora do âmbito do lar no qual os proporcionam interação social eram voltados para os homens, enquanto as mulheres no cuidado da casa, dos filhos e do marido, sempre conduzidas ao meio doméstico, inibidas socialmente.

Vale salientar de antemão que em sua obra Casa grande e Senzala, 1933, Gilberto Freyre retrata como as mulheres eram vistas pelos colonizadores de modo submisso e sexual, algo que até os dias atuais impactam na caracterização do corpo da mulher brasileira mundialmente falando. O modo como nossos colonizadores viam e se aproveitavam das mulheres indígenas, desenvolveu-se de forma chula, elas

foram retratadas como libertinas, que por qualquer bugiganga ou caco de espelho elas estavam se entregando aos caraíbas (FREYRE, 1933).

Nesse sentido nota-se a apropriação do corpo feminino desde os primórdios da sociedade brasileira fosse ela se aproveitando da ingenuidade das nativas, fosse pela dominação patriarcal dogmática.

Em vista disso nota-se que:

O silêncio reservado às mulheres era reiterado por diversos campos, como a religião, os sistemas políticos e pelos manuais de comportamento. Mas não podemos acreditar que as mulheres foram passivas a tamanha invisibilidade. Muitas delas, desde a antiguidade, tentaram romper com as regras impostas pela sociedade machista em que estavam inseridas. (ECOTEN; CORSETTI, 2010, p. 2).

Assim sendo, ao longo da história, onde a evolução da posição feminina foi tomando rumos de protagonistas através de enfrentamentos por igualdade de gênero, acarretou no desenvolvimento do papel da mulher na sociedade e espaços públicos, tais como a inserção dessas na participação política, acesso ao mercado trabalhista, entre tantas outras conquistas.

Ademais, sabemos que a sociedade patriarcal está diretamente relacionada nas:

“[...] relações patriarcais de gênero, que dizem respeito às relações hierarquizantes de opressão e exploração entre os sexos, as quais estão ainda fortemente presentes na sociedade, daí a importância de considerarmos o patriarcado quando refletimos criticamente sobre as relações de gênero.” (CISNE; SANTOS, 2018, p. 45).

Desse modo, os homens estiveram sempre um passo à frente de nós mulheres, isso em meio a regra de impedimento nos daria espaço para avançarmos em nossa vida social rumo a glória de marcarmos um gol de final de campeonato, que trazendo para o meio social estaríamos “liberadas” a ocupar todo e qualquer espaço que quiséssemos sem os infortúnios da sociedade, machista, racista e sexista, no entanto, no jogo da vida os homens estão sempre que podem formando uma linha de impedimento quase que perfeita para nos deixar em condições indevidas para avançarmos socialmente.

Vale ressaltar brevemente que o machismo é reproduzido não somente por homens, mas também por mulheres, que não estando aqui para julgá-las, mas para firmar o quanto o contexto patriarcal afetou não somente a sensação de poder

masculino, como influência até os dias atuais a submissão de algumas mulheres que acham que devem servir aos homens. Desse modo:

“[...] poucas mulheres questionam sua inferioridade social. Desta sorte, também há um número incalculável de mulheres machistas. E o sexismo não é somente uma ideologia, reflete, também, uma estrutura de poder, cuja distribuição é muito desigual, em detrimento das mulheres.” (SAFFIOTI, 2015 p. 37).

Assim sendo, podemos reafirmar como a sociedade patriarcal interfere na vida social de nós mulheres, seja no meio do trabalho, seja em nosso ingresso nos espaços públicos, no qual estar aqui em pauta o gosto feminino pelo futebol e sua alegria em torcer por seu time ocupando as arquibancadas, cabe dizer que, “a família patriarcal realiza o papel ideológico na difusão do conservadorismo, assim, por meio desse modelo familiar, uma internalização de valores conservadores, ou melhor, (des)valores” (CISNE, 2015, p. 69).

Portanto, tendo consciência da sociedade no qual estamos inseridas, isto é, uma sociedade patriarcal e machista, em meio aos questionamentos feitos em pesquisa de campo com as torcedoras do Flamengo da cidade de Sousa-PB, questionei se elas/entrevistadas, ainda haviam de se afirmarem, isto é, comprovar e/ou se confirmarem enquanto torcedoras e se dentro de seus ciclos familiares os homens de seu convívio debatiam sobre jogos com elas.

E trazendo essas perguntas para o contexto social em que nós encontramos, os relatos de todas as mulheres questionadas sobre terem que se afirmarem enquanto torcedoras foi unânime que sim, elas sentem-se meio que obrigadas a comprovar que realmente gostam de futebol. Contudo, por meio dessa mesma pesquisa notou-se uma grande evolução no que desrespeito o meio familiar, no qual quando questionadas se os membros do sexo masculino discutiam/conversavam sobre futebol com elas, todas, com exceção de uma, responderam que sim, debatiam com os pais e os primos sobre as partidas de futebol em especial os jogos do Flamengo.

Em relato uma delas, afirmou que: “Sim, é uma atividade bem comum na nossa família. Na verdade, estamos em maioria e, por isso, estamos sempre nos reunindo para assistir em casa ou nos estádios” (ENTREVISTADA 01). Vale dar ênfase no momento em que a mesma descreve que as mulheres são maioria na família.

Diante desse exposto, percebe-se que as lutas das mulheres para inserir-se no meio social e mais, para serem tratadas igualmente nesses espaços, obtiveram ganhos, porém não podemos reduzir nosso pensamento ao contexto em que as

meninas entrevistadas estão inseridas. Devemos sim comemorar os ganhos e o respeito conquistado, mas sempre alertas para as demais realidades que nem sempre é de acolhimento familiar, mesmo após tamanha evolução social.

Desse modo, abordaremos no tópico seguinte a inserção da figura feminina no espaço futebol, seja com participação direta, isto é, jogando, apitando, narrando, entrevistando, ou de modo indireto, que fica por conta daquelas que estão ali ocupando os estádios com único intuito de torcer e empurrar seu time.

1.2 A Mulher como Camisa 10 (Dez): inserção feminina no espaço futebol, impedimento, faltas graves e bola fora

Se tratando da participação feminina nesse esporte a regra de impedimento vem de uma construção social em torno do patriarcalismo, como já pontuada no tópico anterior. Fosse essa participação direta, praticando o esporte, ou indiretamente, nas torcidas, essa participação esteve sempre cercada de hostilidade e preconceito. Entretanto:

Restringir o espaço da mulher, não significou falta de participação. Elas tiveram sua participação limitada, porém dentro do ambiente que as reservaram, construíram novas formas de se relacionar, forma essa, que hoje exercemos com grande paixão (LUDOPÉDIO, 2021, np).

O futebol desde os primórdios de sua criação, caracterizou-se por uma maior participação masculina. “Como este espaço não é apenas um espaço esportivo, mas também social, os valores da sociedade tiveram um reflexo marcante na constituição da ideia de que futebol não era um espaço feminino” (ECOTEN, 2013, p. 6).

Tendo isso em vista, vale ressaltar que:

[...]ainda hoje, a historiografia tende a enxergar apenas indivíduos do sexo masculino. O ambiente esportivo, principalmente se tratando do futebol, se torna um espaço reservado aos homens, porém isso não significa que as mulheres não tenham sido importantes no processo de consolidação do jogo na capital federal (LUDOPÉDIO, 2021, np).

No seguimento das regras de futebol, as faltas graves são punidas pelo cartão amarelo como forma de advertir o ato faltoso, já o cartão vermelho tem o papel de expulsar a jogadora(o) de campo, seja por cometer uma falta grave, por já ter sido advertida duas vezes pelo cartão amarelo, ou por conduta indevida para com o árbitro da partida. Porém em se tratando de “faltas graves” contra as mulheres que ocupam as arquibancadas as punições não são assim tão bem aplicadas.

Para os homens, parece impossível que uma mulher possa gostar do jogo em si e as acusam de estarem atentas ao esporte apenas por interesse em jogadores, como se elas não fossem capazes de observar, além da beleza de determinado jogador, sua capacidade técnica também. Outra questão preconceituosa é a referência que fazem a feminilidade dessas mulheres, colocando em dúvida sua opção [orientação] sexual. (ECOTEN, 2013, p. 8-9-grifos meus).

Esses casos de preconceito, assédio e machismo são uma bola fora em se tratando da participação feminina nas torcidas, pois essas situações acabam por desmotivar a presença delas nos estádios, seja por medo ou pela falta de segurança que se cria dentro daquele ambiente hostil.

No primeiro encontro nacional de mulheres de arquibancadas realizado no ano de 2017, tratou-se justamente dessa falta de segurança que as mulheres sentem naquele espaço e indagou-se a possibilidade da implementação de uma delegacia da mulher dentro dos estádios.

Em vista disso, a influenciadora Bianca Barros, me relatou como tenta ajudar a impulsionar e encorajar a presença das torcedoras nos estádios através de seu canal.

“Eu busco usar minhas redes sociais pra aproximar as meninas que querem ir pro estádio e tem receios ou de alguma forma são impedidas de fazer isso só por serem mulheres. O público feminino é de extrema importância nos estádios e quanto mais mulheres a gente tiver ocupando esse espaço, menos histórias de assédio, violência, preconceito ou qualquer coisa do tipo vamos ouvir e presenciar” (BARROS, Bianca, 2022).

E se depois de tanta luta para ocupar esse espaço as mulheres não tiverem o mínimo de segurança, esse ambiente vai sempre ter uma maioria masculina. No entanto, em meio a tanta desigualdade de gênero nesse âmbito, trataremos das mulheres que deram o nome nas lutas por espaço e igualdade.

Como vemos as jogadoras(es) que vestem a camisa 10 (dez), que são chamadas(os) de maestrinas/maestros, geralmente vestida por uma/um jogadora(o) que ocupa a posição de meio campo, ou seja, meia armador ou um meia de ligação, no qual articula basicamente todo o time como num concerto, assim como numa orquestra no jogo de futebol as jogadoras(es) dessa posição geralmente ditam o ritmo do jogo.

Tendo isso em vista, esse tópico trará a ascensão das mulheres no âmbito do futebol, dentre esses protagonismos de legítimas camisas dez, ocupando esse meio machista, racista, sexista e por vezes hostil para a figura feminina. Todavia, tornando-se uma base de trabalho para umas e momento de lazer para outras, considerando

os avanços e quebra de rótulos impostos pela sociedade patriarcal descrita no tópico anterior.

Desse modo, sabe-se que “Contar a história do futebol feminino brasileiro é mais do que lembrar gols, vitórias, derrotas, lances marcantes e seus personagens. É falar sobre resistência, descaso e barreiras quebradas. É lembrar períodos de proibição, preconceito e amadorismo” (GLOBO ESPORTE, 2019). No entanto, em meio a essas barreiras, vale ressaltar mulheres que se tornaram referência no meio do futebol brasileiro, assim como Marta, uma autêntica camisa dez, que através de muita luta, foi “coroadada” a rainha do futebol.

Destaca-se também nesse meio, porém fora das quatro linhas, a apresentadora de renome Renata Fan, representando a imagem feminina no programa de grande audiência em tv aberta e a Léa Campos, pioneira na arbitragem brasileira e também no jornalismo esportivo, entre tantas outras mulheres protagonizando no espaço futebol. Destacamos também Ary Borges, Débora Cristiane (Debinha) e Ludmila da Silva, todas no papel de elevar a participação feminina nesse meio de modo aprimorado.

De antemão, vale destacar brevemente a jornada de participação feminina no meio futebolístico, evidencia-se que foi entre os anos de 1920 e 1930 que se acometeram as primeiras partidas de futebol feminino, mesmo ainda que de forma retraída. Estas aconteceram no Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Norte, porém tais partidas eram designadas como um desfile ou um show e não como a real finalidade de um jogo, ou seja:

“Seus movimentos são relacionados a práticas sexuais, despertando o interesse dos homens em assistir as partidas, transformando a prática do futebol feminino em entretenimento masculino, não colaborando e até impedindo o acesso das mulheres como torcedoras” (SILVA, 2017, p.97).

Após isso, lá em 1940 houve relatos de partidas oficiais no estádio Pacaembu-SP, no qual não foram bem-vistas pela sociedade por se tratar de mulheres atuando no esporte até então designado para os homens, daí no ano de 1941, isto é, no ano seguinte, por pressão da sociedade veio a proibição do esporte para as mulheres diante da Lei 3.199, art. 54.

No entanto, não foi explícito na época a prática do futebol em si, porém o mesmo se enquadra dentro da lei. Em suma, mais tarde em 1965, aí houve proibição da prática de futebol feminino, vale lembrar que nessa época o Brasil passava por um

regime militar de proibicionismo e dentro desse contexto o decreto foi reiteradamente deliberado:

“Art. 54. Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país” (Lei Federal, 1941, Cap.9).

Ademais, foi somente em 1979 que veio a revogação dessa lei, permitindo assim a participação feminina no meio futebolístico e de outros esportes, porém dentro de um quadro ainda de represálias por parte social, então foi somente em 1983 regularizada a participação delas no futebol, podendo atuar como profissionais na área e até mesmo ser ensinado em escolas. Vale ainda ressaltar o ano de 1991 onde se acometeu a primeira copa FIFA de futebol feminino, mesmo que de modo ainda amador foi um marco para a história do futebol feminino.

Outro ano importante a ser citado foi o de 1996, como marco da primeira participação do futebol feminino em olimpíadas. Já em 1999 a seleção brasileira feminina mesmo sem muito apoio financeiro ficou entre os três melhores clubes da copa do mundo dos Estados Unidos, daí em diante entre os anos 2000 e ainda sem investimentos na prática de futebol feminino, no qual se perpetua até os dias atuais, levando em consideração o marketing e os investimentos no futebol masculino, como já citada anteriormente, fomos apresentados mundialmente aquela que levaria o nome do futebol feminino as alturas com seu bom futebol e sua marca incrível de troféus de melhor jogadora do mundo, ela se chama Marta Vieira da Silva.

Daí em diante vieram muitos títulos para a seleção feminina de futebol brasileiro, medalha Olímpica, Pan de Santo Domingo, Olimpíadas da Grécia, Pan-Americano do Rio, Olimpíadas de Pequim, copa do mundo da china, entre outras conquistas que estavam sempre entre as três primeiras posições. Todavia vale salientar ainda que Marta nos trouxe a marca de seis bolas de ouro, isso se trata do Oscar do futebol, em se tratando de premiação individual, ela foi eleita respectivamente nos anos de 2006, 2007, 2008, 2009, 2010 e 2018, não preciso falar mais nada sobre essa camisa dez, né? Ela fez o próprio nome na história mundial do futebol feminino e dispensa apresentações, pois seu legado já faz isso.

Ainda assim, não podemos falar na história do futebol feminino e não citar Miraildes Maciel Mota, conhecida no meio do futebol como (Formiga), esta teve participação em todas as edições das Olimpíadas e Copas do Mundo, premiada pelo evento Bola de Prata promovido pela ESPN, com uma bola de ouro, poderíamos aqui

ressaltar e lhes dar uma bola de ouro também pelo seu papel desenvolvido não só como uma ótima jogadora, mas como uma mulher com representatividade tanto pelo gênero feminino, como por questão de raça, pois ela representa muito bem o poder da mulher brasileira e mais da mulher preta brasileira.

Gabi Zanotti, camisa 10 do Corinthians ressaltou em entrevista a importância dessa jogadora:

"A Formiga é uma lenda. Dificilmente a gente vai ter uma atleta com características iguais. Foi uma inspiração para mim. A gente sabe da importância dela no futebol feminino. Espero que, mesmo longe da seleção, nos bastidores ela continue contribuindo muito para a modalidade no Brasil"(BOARETO, ET AL, APUD, ZANOTTI, 2021).

Já que aqui pontuei dois grandes nomes do futebol feminino, vou aqui registrar as realizações de campeonatos como a Copa Libertadores da América de Futebol Feminino; Copa do Brasil de Futebol Feminino e Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino, três grandes e importantes campeonatos antes somente disputados por homens.

Dentre esses campeonatos vale destacar os campeonatos e os times até então campeões, tais como:

"A Copa Libertadores da América, reúne os campeões de cada país da América do Sul, sendo que as equipes brasileira dominam a competição com 6 títulos em 7 edições da competição, sendo 2 – Santos/SP, 3 – São José/SP, 1 – Ferroviária/SP, e a equipe do Colo-Colo(Chile) completa o quadro de campeões.

Já pela Copa do Brasil de Futebol Feminino, que teve seu início em 2007, o quadro de campeãs é composto por 2007 - MS/Saad, 2008 e 2009 Santos, 2010 Duque de Caxias, 2011 Foz Cataratas, 2012 e 2013 São José, 2014 Ferroviária, 2015 Kindermann, e a edição de 2016 está entre São José e Audax/Corinthians que será disputada no final de outubro/2016.

O Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino, foi criado em 2013, com Centro Olímpico se sagrando campeão da primeira edição, 2014 foi a vez da Ferroviária, 2015 Rio Preto, 2016 Flamengo, contando com o patrocínio da Caixa Econômica Federal.

A cada temporada, os clubes e campeonatos têm ganhado maior destaque, e o crescimento do número de participantes nos campeonatos, têm elevado a qualidade técnica e atraído o interesse do torcedor." (BBM, 2018).

Por outro lado, outras com papel de camisa dez no meio futebolístico, porém fora das quatro linhas estão Léa Campos, Ana Thais Matos, Renata Silveira e Renata Fan. A Asaléa de Campos Fornero Medina, mais conhecida como Léa Campos, foi a primeira mulher reconhecida oficialmente pela FIFA como árbitra de futebol, isso mundialmente falando, vale ressaltar que ela é de nacionalidade brasileira, mas precisamente da cidade de Abaeté-MG. Vale pontuar também que ela lutou boxe, outro esporte muito masculinizado ao longo de muitos anos, e também é graduada

em jornalismo e educação física, no qual favoreceu seu caminho na arbitragem. É de referir que Léa sofreu muitas represálias até exercer a função de árbitra, já que o então presidente da FIFA João Havelange se negava a conferir seu diploma.

Após muita luta por parte de Léa, que enfrentou até abaixo assinado por parte de outras mulheres para ela não receber seu diploma, ela consegue o tão sonhado diploma e ainda foi convidada para apitar um jogo amistoso e também participar do primeiro Campeonato de Futebol Feminino do México. Mesmo assim, cercada de preconceitos e dificuldades, “pois foi uma das primeiras repórteres de campo e passou por muitas indagações todas as vezes que precisava entrevistar jogadores dentro do vestiário” (ESPN, Ruel, 2020).

Destacando também como comentarista a Ana Thais Matos, natural de São Paulo, ela é um dos nomes da nova geração de comentaristas esportivos de TV aberta, a mesma já passou pela BandSports, Sportv e Rádio Globo de São Paulo. Vale enfatizar ainda que Ana Thais se tornou a primeira mulher a participar como comentarista de um jogo de futebol masculino na Rede Globo de televisão, ou seja, na tv aberta no ano de 2018.

Ana Thais Matos ainda tentou carreira de jogadora de futebol antes de adentrar no mundo televisivo, mas julgou já estar “velha” para dar continuidade, tendo em vista também a não condição de sua família em sustentá-la numa escolinha preparatória. Após “trancos e barrancos”, ela se tornou uma jornalista de renome em meio aos já destacados canais pelos quais passou, destacando seu então quadro fixo no programa “Encontro”, até então apresentado por Fátima Bernardes, tendo como frente atualmente a apresentadora Patrícia Poeta, em horário comercial na Globo, denominado “Encontro com a bola” quadrado esportivo apresentado por ela em bate bola com a então apresentadora da época Fátima Bernardes dentro do programa.

Outra com grande destaque digna de uma camisa dez é a Renata Silveira, pois se a Thais Matos foi a primeira a participar como comentarista de jogos na Globo, a Renata Silveira é a primeira mulher a narrar, assim mesmo, narrar uma partida de futebol também em tv aberta pela rede Globo.

Em entrevista Renata relatou que:

"O espaço para as mulheres vem crescendo bastante. Isso depende de oportunidades, porque a gente tem muitas mulheres capacitadas para estarem ali, mas às vezes não tem a oportunidade. Os veículos, não só a Globo, estão abrindo os olhos para as mulheres". (SCHWARTZMAN, APUD, SILVEIRA, 2022).

Levando essas em consideração, não se pode falar em jornalismo esportivo, pensar em uma figura feminina e não lembrar da Renata Fan, uma gaúcha, nascida em Santo Ângelo-RS, colorada assumida, pois torce para o time também gaúcho Internacional.

Renata Bomfiglio Fan, antes de entrar para esse meio, era modelo e chegou a ganhar o título de Miss Brasil no ano de 1999, menina bonita do Sul viu a oportunidade financeira no mundo da moda, mesmo não sendo seu plano de um futuro profissional, pois desde os seis anos de idade, já se interessava pelo futebol ao notar o interesse do pai e a paixão pelo Sport Club Internacional-RS. Como já pontuado, esse plano foi sendo deixado de lado por um tempo devido a sua ascensão no mundo da moda.

Daí em diante, ela começou se firmar na comunicação, primeiro através de programa de rádio, depois já na tv, até chegar a ser assistente de palco do apresentador Milton Neves, na Record, no qual participava do programa Terceiro Tempo fazendo participações no momento de debates que ali se desdobravam sobre as partidas de futebol daquele dia, em entrevista a mesma relatou que surgiram várias indagações no meio do jornalismo esportivo, afinal o que uma Miss estava fazendo ali?

A resposta foi dada ao longo de exatos 15 anos à frente do programa Jogo Aberto da tv Band, no qual atua como apresentadora e como mediadora de debates sobre as partidas da semana. Sendo a única mulher em seu espaço de trabalho, ela relatou em entrevista o quão árduo foi sua caminhada até tornar-se referência no âmbito do jornalismo esportivo.

"A primeira entrevista que dei quando fui contratada pela Band foi para a Folha de S. Paulo e seria feita por uma jornalista mulher. Quando cheguei, além do jornalista, o editor de esportes também estava lá. Eles não tinham me avisado nada, sentaram e falaram: 'Vamos fazer um quiz'. Era para ser uma entrevista, não um quiz" (MIRANDA, APUD, FAN, 2022).

Portanto, fica o questionamento se fosse um homem o entrevistado, seria necessário o tal quiz para julgar o intelecto sobre o assunto em pauta? Sabemos que não. Por fim e não menos importante vale salientar aqui um nome não tão conhecido quanto das citadas anteriormente, mas que tem o mesmo peso em se tratando da busca por espaço no meio futebolístico, estou falando da torcedora do Flamengo Monalisa Oliveira Matos.

Essa mulher trazia consigo o carma/costume de ir aos estádios acompanhada por uma figura masculina, no seu caso um namorado, no qual após o término se viu

acuada em não ter companhia para adentrar nos estádios, lugar bem hostil quando quer ser para presença feminina, ainda mais desacompanhada. Tendo isso como um incômodo, mas também mantendo viva a vontade de acompanhar seu clube de coração, Monalisa deu início a Nação Empoderada.

Um grupo que de início se tratava de poucas mulheres e hoje tem aproximadamente 120 flamenguistas, todas com mesmo objetivo, ou seja, torcer e ainda servir de companhia uma para as outras no meio ainda tão masculinizado que são as arquibancadas. Destaca-se ainda que esse grupo não somente está direcionado a torcer pelo time titular masculino, elas também acompanham os jogos do time feminino do flamengo, apoiam pautas direcionadas a questões de gênero e campanhas de prevenção ao câncer de mama, ou seja, direcionado a saúde da mulher.

“A Nação Empoderada, ainda, organiza movimentos nas redes sociais, pedindo pelo fim do assédio em estádios de futebol, uma realidade terrível enfrentada por diversas torcedoras, de muitos dos times do Brasil. A torcida organizada feminina ainda mostra seu poder e engajamento em questões específicas, como o Outubro Rosa, dando destaque para uma pauta voltada para a mulher e sua realidade. Esse tipo de discussão começou a chamar atenção do próprio time, e também de patrocinadores: a Adidas lançou uma coleção com incentivo à prevenção e conscientização acerca do câncer de mama. São em ações como essas que podemos enxergar o poder da torcida feminina do Flamengo!” (ESPAÇO RUBRO-NEGRO, 2022).

Então fica aqui registrado dentre tantos nomes de tantas mulheres que batalharam para adentrar nesse e em outros espaços sociais, mostrando que são tão competentes naquilo que se proporcionam fazer quanto o sexo oposto o nome dessas quatro mulheres que podemos dizer são legítimas camisas dez no que fazem.

CAPÍTULO II

DO RIO AO SERTÃO TODAS JUNTAS PELA MESMA PAIXÃO: DÁ-LHE, DÁ-LHE, DÁ-LHE MENGO, SEREMOS “CAMPEÃS”

No capítulo anterior vimos a evolução e a parcial aceitação da participação feminina em espaços sociais, enfatizando aqui a presença feminina na torcida do Flamengo, no qual ao longo da história da construção social do Brasil imperava as imposições patriarcais, assegurando assim a importância do protagonismo das mulheres na construção em termos de igualdade para com nossa presença nestes e nos demais espaços públicos. Assim sendo, neste último capítulo caracterizamos em

dois pontos a força das mulheres rubro-negras em se afirmarem como torcedoras e ocupantes de arquibancadas, em detrimento à disposição da pesquisa feita com essas flamenguistas para dar embasamento nessa discussão, além de um ponto metodológico apontando o espaço, as técnicas e o perfil dos sujeitos.

2.1 Espaço, técnicas e perfil dos sujeitos

Utilizamos como procedimentos metodológicos, uma abordagem descritiva, na qual “[...] objetivam a descrição de determinada população, fenômeno ou estabelecimento de relações entre as variáveis. Esse tipo de estudo tem como característica mais significativa a utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como os questionários e a observação sistemática.” (OLIVEIRA, et al, 2006, p. 05).

Em complemento a isso, associada à pesquisa bibliográfica que é meio de formação por excelência. Como trabalho científico original, constitui a pesquisa propriamente dita na área das Ciências Humanas. Como resumo de assunto, constitui geralmente o primeiro passo de qualquer pesquisa científica.” (CERVO E BERVIAN, 1996, p. 48, apud, OLIVEIRA, et al., 2006, p. 06).

Tendo como base: artigos, livros, dissertações e eletronicamente como base: a internet (sites) e relatos pessoais de vivências minhas e das entrevistadas. Sendo 13 mulheres e um homem. As meninas são todas torcedoras do Flamengo, com idade entre 18 e 48 anos, residentes na cidade de Sousa sertão da Paraíba, sendo uma delas carioca da cidade do Rio de Janeiro, no qual acompanham assiduamente seu time, seja pela TV, que é o caso da maioria tendo em vista os empecilhos de distância e deslocamento ou marcando presença nos estádios. E o homem é o presidente da embaixada Fla-Sousa.

As entrevistas acabaram acontecendo via formulário do Google Forms e também por aplicativos de mensagem já que foram realizadas num momento onde a pandemia ainda apresentava fortes sinais (segundo semestre de 2021). Evidenciou-se também, buscar relatos acerca da não participação de mulheres no consulado Fla-Sousa, torcida organizada da cidade em apoio ao Flamengo, tendo em vista o grande apoio feminino ao clube.

Além disso, ressaltando os critérios de seleção dos artigos foram, por conseguinte, referentes aos temas relacionados à demarcação e delimitação da sociedade patriarcal na ocupação feminina de espaços sociais, sobre discussão de gênero e esporte, evidenciando o futebol. Respectivamente, é feito um paralelo dessa luta por igualdade e a liberdade de torcer com minha experiência como torcedora.

Com esse objetivo, a pesquisa social tem como caráter principal entender a conduta das pessoas e da sociedade, estimulando assim a expansão de novos estudos e descobertas em torno de um setor estabelecido a ser investigado. Haja a vista, Gil (2008), diz que a pessoa, usando de suas capacidades, “vem desenvolvendo sistemas mais ou menos elaborados que lhe permitem conhecer a natureza das coisas e o comportamento das pessoas” (p. 1).

Tendo isso em vista, a inspeção em suma terá um caráter de pesquisa social no qual expandirá o domínio para uma área com pouca visibilidade como é o caso da presença feminina em espaços delimitados para homens. Como descreve Gil (2008), destacando que a pesquisa social, “utilizando a metodologia científica, permite a obtenção de novos conhecimentos no campo da realidade social” (p. 26).

Assim sendo, almejando realizar e cumprir as metas desse estudo, a pesquisa possuirá uma estrutura explicativa, que tem como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos” (GIL, 2008, p. 28).

Vale salientar que o método empregado na pesquisa foi o histórico dialético no qual auxiliou no conhecimento em torno das implicações da sociedade patriarcal em detrimento da sociedade atual, pois como descrito por Gil (2008) “a dialética fornece as bases para uma interpretação dinâmica e totalizante da realidade” (p. 14).

Terá embasamento também no método marxiano, pontuando a pesquisa não só do ponto de vista do objeto em si, mas trazendo a unificação do objeto com o pesquisador, que segundo (MARX, 1968, p.16, apud NETTO, 2011, p.21), “o ideal não é mais do que o material transposto para a cabeça do ser humano e por ele interpretado”, dentro da linha de raciocínio de Marx, NETTO (2011), explana ainda que “[...] o sujeito reproduz em seu pensamento a estrutura e a dinâmica do objeto que pesquisa”(p.21). Ou seja, irá apresentar-se aqui um embasamento teórico metodológico, porém prezando o ponto de vista do objeto em suma.

Ademais, a análise se desdobrou por meio da abordagem qualitativa, concedendo uma nova visão das experiências e desafios de ser torcedora do

Flamengo no espaço ainda majoritariamente masculino, propondo-se a compreender como a desigualdade de gênero impacta nesse processo de inclusão feminina no âmbito das arquibancadas dos estádios de futebol. Levando isso em conta, priorizou-se aqui essa análise qualitativa, pois a mesma “preocupa-se, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 32).

Vale ressaltar que a pesquisa dispõe da técnica de observação e pesquisa de campo, dado que esta tem como finalidade “a coleta de dados para conseguir informações e utilizar os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se deseja estudar” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 190).

Pois a técnica de observação segundo Marconi e Lakatos (2003), “desempenha papel importante nos processos observacionais, no contexto da descoberta, e obriga o investigador a um contato mais direto com a realidade. É o ponto de partida da investigação social” (p. 191). Pontuando ainda sobre as técnicas, o estudo dispuser também de entrevistas padronizadas onde, “perguntas feitas ao indivíduo são predeterminadas. Ela se realiza de acordo com um formulário elaborado e é efetuada de preferência com pessoas selecionadas de acordo com um plano” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 197).

Já em se tratando dos elementos éticos, a pesquisa utilizou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, onde todo o estudo em volta da pesquisa, ou seja, as mulheres que participaram desta, tiveram seus direitos e identidades resguardadas.

Por fim e não menos importante, vale informar a utilização de revisões bibliográficas, com o objetivo de trazer uma discussão com maior embasamento, seja em se tratando da desigualdade de gênero, seja da construção social do Brasil em torno da sociedade patriarcal e perpassando pela inserção feminina nos espaços sociais taxados para homens. Podemos aqui recorrer a autores(a) como: Gilberto Freyre, (1933), Mirla Cisne (2014), Roberta Pereira (2017), Ecoten e Corsetti (2010), etc. Ademais, podemos contar com vasto arcabouço de referencial jornalísticos, de revistas e sites, tendo em vista o avanço das lutas das mulheres para cada vez mais ocupar esses espaços.

2.2. A Glória Eterna da Presença Feminina nas Arquibancadas dos Jogos do Flamengo: De belas, recatadas e do lar, para belas, torcedoras e do bar

Entendendo que, “[...] a mulher sempre foi, senão a escrava do homem ao menos sua vassala; os dois sexos nunca partilharam o mundo em igualdade de condições; e ainda hoje, embora sua condição esteja evoluindo, a mulher arca com um pesado handicap²” (BEAUVOIR, 1970, p.14), apesar dessas desvantagens sociais, vimos também no presente trabalho a evolução e participação feminina em todos os campos e meios historicamente direcionados ao masculino.

Ademais, falar nessa evolução é não deixar cair no esquecimento o protagonismo das mulheres que perpetua até a atualidade. Então veremos neste capítulo a participação de fato de nós mulheres dentro da torcida do Flamengo, que evoluiu de mulheres belas, recatadas e do lar, ou seja, como parafraseou Simone de Beauvoir, “escrava” e até mesmo contidas as tarefas e cuidados do lar a belas, torcedoras e do bar, isto é, donas e protagonistas de seus atos seja lá qual for o ambiente. A que se falar e exaltar esse protagonismo levando em consideração as dificuldades que as mulheres ainda carregam em termos de igualdade.

Sendo assim, já começo a escrever sobre a torcida feminina do Flamengo destacando o primeiro Encontro Nacional de Mulheres de Arquibancada, realizado em 10 de junho de 2017, no Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho ou simplesmente o Pacaembu, em São Paulo.

“O evento reuniu aproximadamente 300 mulheres torcedoras comuns ou organizadas, com integrantes de mais de 40 torcidas e coletivos de futebol, de 13 estados brasileiros (PR, RS, SC, SP, RJ, BA, CE, ES, GO, MG, PA, DF e PE), que em comum apresentaram o desejo de democratizar a participação das mulheres nos espaços das arquibancadas, além de reivindicar a ampliação, aprimoramento e facilitação da presença de mulheres nos espaços do torcer” (MUSEU DO FUTEBOL, 2022).

No citado evento houve relatos das mulheres presentes sobre suas vivências e experiências enquanto ocupantes desse espaço tão machista, houve relatos dos mais diferenciados, desde o desrespeito dos torcedores do sexo masculino dentro de algumas torcidas, ao apoio de outros, nesse mesmo evento houve ainda opiniões e direcionamentos sobre o que poderia ser feito de melhoria para tornar a presença de nós mulheres um pouco mais hábeis. Dentre essas reivindicações, teve desde pedidos de melhorias na estrutura de banheiros até a uma implementação de uma

² Handicap, qualquer desvantagem que torna mais difícil o sucesso.

figura feminina no policiamento, assim se sentiram mais seguras para relatar algum inoportuno, sem ser julgada por estar em um lugar “inapropriado”.

Notamos aqui a importância desse evento, não só para tratar de um assunto de urgência feminina, mas também para mostrar o protagonismo dessas mulheres, em organizar um evento de tamanha grandiosidade, juntando mulheres de torcidas diferente e ainda de modo pacífico, no qual podemos também ressaltar a beleza e respeito entre elas, algo complicado entre a torcida masculina, então se faz necessário salientar a magia na presença feminina nas arquibancadas, pois gritamos, torcemos, incentivamos, bebemos e xingamos, sim senhoras e senhores, xingamos como qualquer outro torcedor e está tudo bem, nem por isso vamos quebrar carro de jogador, ou espancar umas às outras.

É considerável que ainda haja resistência, mas venhamos e convenhamos a presença feminina traz consigo um símbolo de resistência e persistência. Para caracterizar melhor a presença feminina na torcida do Flamengo, mais precisamente do Rio de Janeiro, trago aqui relatos de uma torcedora especial para mim, trata-se nada mais, nada menos, do que Bianca Barros Magalhães, 25 anos, torcedora apaixonada assim como eu e que juntamente com uma amiga possuem um canal no Youtube, denominado “Tô na Arquibancada”.

Só pelo nome já podemos tirar algumas conclusões mesmo sem nunca ter assistido a algum vídeo, que aconselho, assistam, pois principalmente para mim enquanto torcedora do Flamengo que mora no interior é uma forma de estar dentro do maracanã e te asseguro é pressão e paixão que elas passam através da tela, um jeito importante não só de mostrar a participação feminina nas arquibancadas, mas também de nos fazer presente dentro da torcida mesmo que de longe.

Como já falei o nome do canal já entrega muito do conteúdo delas, que nada mais é que, mostrar o dia do que é ser torcedoras do Flamengo, falam sobre escalação, expectativas e resumo das partidas, fora a representatividade não só por serem mulheres, mas por demonstrar seus anseios e confiança nos pré e pós jogos, Bianca relatou como se deu o início do canal e como foi a aceitação das pessoas de seu ciclo de convivência, quando ela relatou que iria fazer um canal direcionado ao futebol.

“O canal veio pra confirmar tudo que eu já queria mostrar desde nova. Com 11 anos eu criei um blog pra escrever sobre o Flamengo e lá eu fazia pré e pós-jogo em todas as partidas, mas eu só tinha 11 anos. Quando entrei na faculdade conheci a Yanca e o canal veio como uma forma de aproximar o

torcedor que nem sempre pode estar presente nos jogos e que era um conteúdo pouco abordado.

Ao meu redor as pessoas sempre apoiaram, quem já me conhecia sempre soube como isso era importante pra mim é totalmente sincero, feito por puro prazer. O fato de serem duas mulheres incomoda alguns até hoje, mas infelizmente a gente já nasce sabendo que vai passar por essas situações então isso não foi e não vai ser um empecilho” (BARROS, 2022).

E foi essa força e persistência delas que deve ter me conectado ainda mais com o que é ser uma torcedora segura de si mesma, pois para todo sempre estamos sendo postas a prova de se é realmente aquilo mesmo que gostamos, ou seria só “fogo de palha” de meninas e mulheres querendo chamar atenção do sexo oposto, já que para muitos é essa a finalidade da presença feminina nas arquibancadas.

Explicitamente, seria evidente que passar de mocinhas e meninas recatadas que seguem os padrões, para donas de seus próprios atos, daria mais trabalho para nós torcedoras do que assistir aquela final de libertadores da América, em 23 de novembro de 2019, em Lima no Peru, no qual o Gabriel Barbosa, vulgo Gabigol, faria o gol da consagração no finalzinho do jogo. Não sei o que é mais difícil, ser rubro negro ou ser uma mulher rubro negra, sentiu a pressão?

Todavia, nós mulheres estamos aí para provar nossa força nas arquibancadas, por tantos motivos já citados, como preconceito e machismo. Nossa base de construção social, apesar de sermos um maior número em se tratando de população, não somos ainda maioria nas arquibancadas, isto é, retrato do que foi pintado do que é para o feminino ou para o masculino, mesmo assim tenho motivos enquanto torcedora do mais querido do Brasil em dizer que o Flamengo tem a maior porcentagem de torcida feminina, sendo 20% dessa torcida (FLARESENHA, 2022), número ainda pequeno, porém significativo, para aquelas que tentam ocupar espaço em um meio tão masculinizado.

Já que estamos falando em uma das torcidas com maior porcentagem de presença feminina do Brasil, não poderia deixar de citar a parada obrigatória antes de partidas de futebol no Maracanã, o bar dos chicos, localizado nas imediações do estádio. Tornou-se local de concentração das torcidas e a presença feminina nesse meio também é figurinha carimbada, isto é, mais um espaço masculinizado socialmente falando que tomamos conta se fazendo presentes.

Quando se trata da presença feminina nesses espaços devemos pontuar que muitas das vezes, sim, ainda ficamos receosas nos pondo em uma postura firme, utilizando aqui de uma gíria do futebol “sem risadinha”, não por ser arrogantes, mas

asseguro ser sempre por medo de confundirem simpatia com dar abertura para assédio ou piadinhas. Tendo isso em vista Bianca Barros (2022) relata “não ter, preocupação em como me vestir, mas me preocupo mais com o meu comportamento. Na grande maioria das vezes eu passo a imagem de uma pessoa antipática, grossa ou mal educada porque não dou abertura ou liberdade para falarem comigo.”

E é desse modo que vamos driblando o conservadorismo diante da nossa presença nesses espaços, mesmo em meio aos receios e cuidados, vocês irão ter que acostumar com a presença de nós mulheres nos pré-jogos em um bar qualquer apreciando uma cervejinha ou mesmo uma água, pois não importa o que vão consumir, mas sim que elas querem estar ali. Desse modo devo dizer que vamos tirar de letra todo e qualquer importuno que venha a nos acontecer, vai nos chatear, nos tirar do sério, mas é lá nas arquibancadas que vamos estar, pois é lá que queremos estar arregaçando as mangas, colocando um cropped e reagindo. De modo rude? Talvez, porque parece que é a linguagem que entendemos quando se trata de posicionamento feminino, temos que gritar para sermos ouvidas.

Em vista disso, Bianca mencionou ainda um dos episódios que já passou no estádio do Maracanã:

“Uma vez, em 2019 se não me engano, um jogo entre Flamengo x São Paulo no Maracanã acabou empatado e como de costume fui gravar o vídeo pra falar sobre o jogo. Uns 10 minutos antes o único homem que estava comigo foi embora, então só tinha eu e Yanca juntas, o que naturalmente serviu pra um cara começar a xingar a gente das piores formas possíveis e falar que não deveríamos estar ali. Ele chegou a se aproximar e continuou falando por um tempo, tempo suficiente para fazer com que a gente precisasse parar de gravar e saísse dali com medo de algo mais grave acontecer, e enquanto isso várias pessoas olhando como se não tivesse acontecendo nada. O fato do meu amigo ter ido embora fez total diferença porque eu duvido que ele teria aquela atitude se tivesse um homem próximo” (BARROS, 2022).

Sabemos que não somente a falta da presença desse amigo que fez diferença em como foram hostilizadas por esse homem, pois não só para elas como para a maioria das mulheres estar “desacompanhada”, ou seja, acompanhada mas não de uma figura masculina fica meio que em aberto o caminho para atacá-las, enquanto a postura dos demais presentes que não se propuseram a dar um belo de um “cartão vermelho” para a atitude do tal é somente um reflexo mais uma vez de uma sociedade machista, onde temos um famoso e insignificante dito “em briga de marido e mulher, não se mete a colher”. Porém sabemos que no Brasil não se mete a colher nem briga de marido e mulher e muito menos de mulher alguma.

Poderíamos aqui só falar da nossa glória eterna, mas como descrito anteriormente por (BEAUVOIR, 1970, p.14), “embora sua condição esteja evoluindo, a mulher arca com um pesado handicap.”, entretanto não aqui romantizando esse contexto em que nós mulheres estamos inseridas, seja de qual raça ou gênero for, temos que entender e continuar nos pondo firmes na ocupação desses espaços, levando em consideração toda trajetória de tantas outras que batalharam para chegarmos aonde estamos.

Então é daqui sempre adiante, nosso time precisa sempre jogar no ataque “sem risadinha”? pode ser, mas abrilhantando a festa nas arquibancadas, jamais devemos jogar na retranca, ou seja, baixarmos a cabeça para o machismo enraizado, pois se é algo estruturado iremos balançar essas estruturas dentro de cada estádio, a cada gol vibrado, a cada jogada bem finalizada. Desse modo, diante do que aqui foi exposto partimos para o próximo ponto, no qual abordará a torcida feminina do Flamengo na cidade de Sousa-PB.

2.3 Sertanejas e Rubro-Negras: Linha Defensiva em Meio ao Grupo de Ataque das Torcedoras de Sousa-PB

Abordar sobre torcida feminina do Flamengo me remete prontamente a minhas experiências enquanto mulher negra, sertaneja e torcedora e em como essa prática me propôs acompanhar de perto as vivências em caravanas, torcidas organizadas e gerais, inclusive fazendo novas amizades com mulheres fortes e capazes de se firmar enquanto torcedoras de um time de fora de seu Estado.

Em vista disso, conduzi através de entrevistas com essas mulheres perguntas a fim de analisar se ainda no século XXI elas notam uma desigualdade de gênero dentro da torcida do Flamengo, levando em consideração o contexto de torcerem para um time do Rio de Janeiro.

Todavia, vale aqui ressaltar antes de se aprofundar na torcida feminina do Flamengo de Sousa-PB, a FlaSousa³, que passou de torcida organizada a consulado até se firmar enquanto embaixada na atual situação. Desse modo busquei informações com base na entrevista ao então Presidente, Dennis Anderson de Araújo Figueiredo, para um melhor embasamento no que diz respeito à evolução da

³ FlaSousa, Embaixada Oficial do Flamengo da cidade de Sousa-PB, fundação: 06/02/2016.

embaixada e quais os direcionamentos para inserção feminina nessa torcida, tendo em vista que até então não havia a presença delas enquanto sócias.

De antemão, vale salientar algumas informações sobre a atual embaixada, no qual teve início no ano de 2016, onde o então gestor fundou uma torcida organizada intitulada FlaSousa, nome que referencia não somente o time carioca como também nossa cidade do sertão paraibano. Daí então, já na gestão que se assegurou até fevereiro do ano vigente, 2022, a então torcida organizada passa a ser consulado no ano de 2017, isto é, para passar de organizada a consulado, necessita que dentre essa torcida haja pelo menos cinco torcedores associados ao clube.

Além disso, três anos depois no ano de 2020 viera a se tornar embaixada, após atingir a marca de trinta e dois torcedores associados ao Clube de Regatas do Flamengo. Em destaque, evidencia-se a notoriedade e importância dos consulados e embaixadas, não somente na função torcedor, mas segundo relatos do então presidente Dennis Figueredo:

“O maior objetivo do projeto, se divide em três pilares, sendo eles: captação de jovens atletas, para fazerem testes no Flamengo em suas respectivas cidades, consulados e embaixadas; responsabilidade social, pois fazemos trabalhos como: dia das crianças, campanha do agasalho, doação de sangue e captação de sócios torcedores para o Flamengo” (FIGUEIREDO, 2022).

Desse modo, podemos notar a força de uma torcida o quanto ela pode proporcionar e não somente como lazer para os amantes do futebol em si, mas na mediação e contribuição para a população em geral, porém cabe aqui questionar o porquê da falta da presença feminina nessa torcida/embaixada em especial? Do meu ponto de vista crítico enquanto torcedora e amante não somente do Clube de Regatas do Flamengo, mas a tudo que se referencia a ele, vale pontuar que logo no início da formação dessa torcida tentei ingressar nela, claro que sem êxito, confesso não ter procurado a então direção para tal tentativa, mas fui informada por colegas que até então era um grupo fechado ao masculino.

Ademais, em entrevista com as torcedoras do flamengo da cidade de Sousa-PB, esse foi um dos questionamentos da pesquisa, se elas já haviam tentado ingressar na FlaSousa, pois como já relatei anteriormente, eu teria feito essa tentativa, porém fui podada antes mesmo de entrar em contato com os responsáveis, desse modo quis saber delas qual havia sido as experiências delas nesse aspecto. Em suma, uma delas relatou que “sim, havia tentado, mas não fui aceita, pois na época não aceitavam mulheres” (ENTREVISTADA 09, 2022).

Em contrapartida, na então gestão no qual estava vigente ao desenrolar dessa pesquisa o então Presidente, pontuou a presença feminina na sede da embaixada, quando questionado se tinha mulheres sócias ele relatou que: “Temos as esposas dos sócios que frequentam a sede, porque assim, as esposas dos sócios são liberadas para assistir os jogos sem pagar, assim como os filhos o pai ou a mãe” (FIGUEREDO, 2022). A que se notar que a presença feminina está sempre atrelada ao companheirismo, isto é, no papel de mãe ou esposa que simplesmente acompanha a figura masculina.

Porém, podemos notar uma pequena evolução no que desrespeito ser torcedora do Flamengo numa cidadezinha do interior, no entanto, sempre postas numa linha de ataque, assim como numa partida de futebol, no qual o time está sempre partindo pra cima do time adversário em busca do momento mais aguardado do jogo, o gol, nós mulheres estamos sempre tendo que nos impor enquanto torcedoras para ganharmos espaço num meio tão masculinizado.

Portanto, vale frisar essa evolução mesmo que tardia, no qual já se nota até mesmo no âmbito familiar, como descrito na pesquisa aqui realizada, no qual as entrevistadas relataram se havia debate entre elas e os membros masculinos de sua família, em relato disseram que: “Sim. Meu pai é um amante do futebol e sempre gosta de comentar sobre o esporte e em especial o Flamengo comigo.” (ENTREVISTADA 03, 2022). Assim como descrito adiante que: “Debatemos sim, principalmente porque eu acompanho mais as notícias do time que eles.” (ENTREVISTADA 13, 2022).

Aqui podemos ponderar esta importante e lenta evolução, mesmo considerando toda linha social defensiva quando se trata da participação feminina em quaisquer espaços públicos, historicamente barrados para nós mulheres, assim descrito por algumas entrevistadas a respeito do mesmo aspecto sobre debate familiar com elas sobre futebol, foi dito que: “não, só falam sobre com os outros homens” (ENTREVISTADA 12, 2022); ou que: “Não falam comigo sobre o assunto” (ENTREVISTADA 11, 2022).

Dessa forma, observa-se que enquanto mulheres temos que ser tão boas ofensivamente no jogo da vida quanto o ataque do time feminino/masculino do Flamengo para driblarmos a defesa da vida social, isto é, vimos que houveram inoportunos e/ou falta de incentivos em meio a participação feminina na então torcida Fla-Sousa, mas assim como a evolução social em meio a presença de mulheres em ambientes masculinizados, houve também uma grande salto no que desrespeito o

posicionamento da então embaixada do Flamengo na cidade de Sousa-PB, tendo em vista que no ato desta pesquisa, ao relatar que só havia presença feminina, através de suas cônjuges ou mães, o então presidente me estendeu um convite para trazer um frente feminina para a embaixada.

Contudo o medo enraizado de nós mulheres, mesmo que seja no inconsciente nos faz por vezes querer recuar nosso “time” nos jogos da vida, medo da reação masculina, de assédio, menosprezo, entre outras tantas questões que nos perseguem ao longo de nossas vidas enquanto mulheres. Em vista disso, quis saber se as mulheres já haviam sofrido algum tipo de desrespeito ou haviam visto algo desse cunho com outras mulheres, de modo que a maioria teve algo a relatar sobre inoportunos do tipo:

“Não ser ouvida quando o assunto era futebol. Não ser convidada a participar de algum encontro que envolvesse jogar, assistir, discutir sobre o assunto. Piadas de mal gosto no próprio estádio, até mesmo de cunho sexual.” (ENTREVISTADA 05, 2022).

Entretanto, mesmo entre receios, medo, o amor pelo futebol é o que nos faz vibrar, torcer e incentivar a participação de outras mulheres, seja a companhia da mãe, da irmã, amigas, vale incentivar a presença delas não somente no espaço de estádios de futebol, mas em qualquer lugar que queira estar, porque lugar de mulher é onde ela quiser/estiver, isto é, nós enquanto torcedoras apaixonadas queremos e devemos incentivar outras mulheres a ocupar esse espaço pois é “óbvio, uma hora vão ter que aceitar, deixar de ir só vai fortalecer essa hostilidade” (ENTREVISTADA 12, 2022).

Reafirmo ainda a importância do protagonismo feminino no espaço futebol, no qual encontrei reciprocidade das demais torcedoras, no cuidado em acompanhar as outras na ida ao banheiro, na ida aos quiosques comprar lanches, porque sim, em todos os momentos estaremos em alerta contra qualquer tipo de abordagens inapropriadas e cremos que estando em grupo torne o ambiente menos hostil para nós enquanto torcedoras, então sim, encorajar outras mulheres a se fazer presentes nesses espaços é não somente uma questão quantitativa ou de rivalidade de gêneros, na verdade é mais uma forma de tornar o ambiente mais propício a nossa participação no qual:

“[...] acredito que é necessária a nossa presença em qualquer ambiente, principalmente porque somos maioria nesse país. Se esta for a vontade de qualquer mulher, ela deve participar de qualquer atividade que seja de seu interesse, somente assim a sociedade perceberá que a nossa presença deve ser respeitada e deve ser identificada como uma situação normal.” (ENTREVISTADA 05, 2022).

Diante do que foi exposto, vimos que entre perdas e ganhos vamos fortalecendo nosso time de mulheres aguerridas que literalmente correm como uma jogadora corre atrás da bola para marcar o gol que vai levar seu time a glória eterna, ou seja, ao tão sonhado título de final de campeonato, no qual nossa glória eterna, nosso gol numa final de campeonato vai se dar quando formos respeitadas em todo e qualquer espaço social de modo igualitário ao gênero oposto.

E tenho certeza que nenhuma mulher está esperando chegar a ganhar esse título como nosso time Flamengo ganhou o campeonato brasileiro de 2019 de cima de um trio elétrico, claro que fizeram por merecer, já que batalharam um campeonato inteiro por esse lindo final de cima de um trio elétrico, mas no jogo da vida das mulheres vai sempre ser uma partida comparada a final da libertadores do mesmo ano, 2019, isto é, uma partida no qual não tínhamos certeza da vitória, mas correram atrás até os últimos minutos dos acréscimos, onde se consagraram campeões e é aquele jogo que representa a vida de nós mulheres torcedoras do Flamengo.

Dessa forma, sempre em constante luta para nos firmamos em qualquer âmbito social vamos nos fortalecendo enquanto time de meninas/mulheres que desejam e ocupam esses espaços com maestria, respeitando sempre o “time adversário”, isto é, o público masculino e esperando o mesmo deles, respeito e receptividades, pois estamos lá por um só time, por uma só instituição o Flamengo, prazer somos todos rubro-negras (os).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, expõem-se as considerações finais a respeito do protagonismo feminino na busca por igualdade em espaços historicamente ilustrado para o público masculino, ressaltando a notoriedade dessa participação em meio a esse âmbito, tendo como expectativa na finalização deste trabalho uma maior amplitude, compreensão e conhecimento das(os) leitoras(es) sobre ser mulher e torcedora no país do futebol.

Contudo, cabe dizer que essa inserção feminina em espaços sociais, mais precisamente nas arquibancadas de jogos de futebol, caminha a passos lentos, como numa partida de futebol sem grandes lances, sem nostalgia ou sem vibração da torcida, pois vivemos ainda nos dias atuais os resquícios de uma sociedade patriarcal, na qual a figura masculina tem maior importância que a feminina.

Então essa monografia busca memorar, mesmo que de modo sucinto, um respaldo em prol da luta de todas as mulheres que buscam incansavelmente por espaço no meio social brasileiro, aqui em especial enfatizando a busca por respeito e igualdade de nós mulheres enquanto torcedoras de clubes de futebol, sendo esse direcionado as torcedoras da instituição Flamengo, porém podendo e devendo se expandir a todas as mulheres de todas e quaisquer torcidas.

Nessa análise, despertou-se uma reflexão acerca da importância da presença feminina nos estádios, em como aquelas que se mostraram capazes de enfrentar o preconceito, o machismo, assédio, entre outros empecilhos, mostram que é possível ser mulher, mãe, filha, avó e torcedora, que é possível adentrar naquele espaço retratado sempre com hostilidade, no qual, venhamos e convenhamos por vezes ele realmente é.

Mas que com a participação feminina, participação essa que vem atrelada a crianças, a outras mulheres e senhoras, faz com que outras que tenham vontade de ocupar esses espaços também as notem e vejam que é possível estar ali, então evidencia-se aqui a urgência em melhores condições estruturalmente falando, principalmente no teor segurança, nas imediações e dentro dos estádios para que haja maior inclusão de nós mulheres nesses espaços e de modo mais seguro.

Essa presença feminina traz consigo o peso de vários significados, seja ele de representatividade, seja de igualdade de gêneros, ou seja, simplesmente a desculpa que faltava na vida de alguma outra mulher que desejasse ocupar esse espaço de

arquibancada e se sentisse receosa por não ter alguma representação a sua imagem e semelhança naquele espaço.

É necessário dizer que essa construção do protagonismo feminino se dá não somente por elas mesmas, vale ressaltar que mesmo que lentamente, já houve um avanço no que desrespeito a participação feminina nos estádios por parte dos homens e não somente nas arquibancadas, mas dentro de nossas próprias casas, a partir de conversas com os pais, amigos ou irmãos sobre futebol, simplesmente falar de futebol sem ser excluída pelos membros da família ou por amigos por ser mulher, já se trata de algo simples que ter empatia.

Esse tipo de participação masculina é de grande valia nessa busca por espaço e igualdade, pois tudo parte do princípio básico do que é direcionado a eles e a aceitação e principalmente respeito vindo deles pode inibir os demais em se tratando de situações machistas, então como foi visto através da pesquisa em suma a evolução por parte de alguns parentes e até mesmo o acolhimento da parte da embaixada Fla-Sousa, que isso se torne uma ação cada vez mais posta em prática.

Além do mais, nosso papel enquanto torcedoras, protagonistas dignas de uma camisa dez nós faremos, o que se busca é o mínimo de compreensão e espaço para exercermos essa função, não somente como mero passatempo, mas porque somos apaixonadas por nosso clube tanto quanto qualquer homem, então que esse trabalho tenha como finalidade a expansão e recrutamento desse público masculino empático com nós torcedoras.

Através dessa pesquisa busquei analisando criticamente tornar interessante o ser mulher nordestina e torcedora, pois nada me deixa mais realizada do que ir aos estádios e encontrar lá meninas/mulheres como eu gritando e torcendo por uma só causa, um por um só clube, assim busquei isso como inspiração e realização desse trabalho, para indagar não somente os empecilhos de ser mulher, mas também com a finalidade de mostrar nossa força na busca de ocuparmos os lugares que queremos quando queremos.

Desse modo, podemos dizer que além de expandir o espaço das arquibancadas o presente trabalho leva uma construção de conhecimento sobre o que é ser mulher no Brasil, sobre como é para nós enquanto torcedora chegar a esses espaços, no qual para os homens é o simples fato de torcer, para nós é o escolher a roupa “certa”, o caminho certo, a companhia certa e etc.

Assim sendo, esse tipo de discussão trás para nós do curso de Serviço Social uma pauta já abordada entre outros temas, no qual aborda as lutas femininas, mas que em sua maioria vem atrelado ao todo, não precisamente em meio a essa questão aqui debatida, tratando sobre questão de gêneros, classe, raça, porém dentro da perspectiva do meio social na construção de espaços igualitários para ambos os gêneros e nesse meio tão descentralizado quando se trata da participação feminina.

Entretanto se faz necessário que essa pesquisa abra mais espaço para debates desse tipo, isto é, buscando públicos e pautas diferenciadas, no qual se faz notar que os problemas sociais, as lutas de gêneros, entre outras discussões estão expostos em todo e qualquer meio, até mesmo como aqui abordado nos momentos de lazer que é o ato de torcer.

A pesquisa apresentada tem como intuito facilitar e/ou tornar visível o protagonismo das torcedoras, com o propósito de tornar ainda maior a presença feminina nos estádios, assim como conscientizar os torcedores, ou seja, o público masculino a serem mais receptivos e respeitosos, tornando o ambiente apto a todos os gêneros. Sendo assim consideramos o ato de torcer indispensável e fundamental para se chegar a um meio menos hostil, sendo indispensável a participação de nós enquanto mulheres, para que haja uma criticidade em meio a forma agressiva, com utilização da força dessa palavra, “agressiva”, para enfatizar que necessita ter uma reflexão em torno dessa questão.

Por fim, apresento essa questão de luta por espaços igualitários em meio a um ambiente tão divergente dos demais debatido no âmbito do curso de Serviço Social, isto é, sobre as torcedoras de jogo de futebol, com intuito de cooperar não somente com a causa, mas também para que haja o encorajamento de novos debates dentro do curso.

REFERÊNCIAS

- ALVARO, Mirla Cisne. SANTOS, Silvana Mara Morais dos. **Feminismo, diversidade sexual e Serviço Social**. Biblioteca básica de Serviço Social, v.8, São Paulo: Cortez, 2018.
- ALVARO, Mirla Cisne. **Feminismo e consciência de classe no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2015.
- ARAÚJO, Mayara de. **A mulher e o futebol: de acompanhante a torcedora**. Ludopédio. Disponível em: <https://ludopedio.com.br/arquibancada/a-mulher-e-o-futebol-de-acompanhante-a-torcedora/>. Acesso em: 24 de fevereiro de 2021.
- BBM. **Bola Brasil Mulher, História**, 2018. Disponível em: [http://www.bolabrasilmulher.com.br/page4.html#:~:text=O%20Campeonato%20Brasil eiro%20de%20Futebol,patroc%C3%ADnio%20da%20Caixa%20Econ%C3%B4mica%20Federal](http://www.bolabrasilmulher.com.br/page4.html#:~:text=O%20Campeonato%20Brasil eiro%20de%20Futebol,patroc%C3%ADnio%20da%20Caixa%20Econ%C3%B4mica%20Federal.). Acesso em: 23 de dezembro de 2021.
- BEAUVOIR, Simone Lucie Ernestine Marie Bertrand de. **O segundo sexo: Fatos e Mitos**. 4.ed.- Difusão Européia do Livro- São Paulo, 1970.
- BRASIL. **Del3199. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/del3199.htm. Acesso em: 5 fev. 2023.
- BRASIL, Gov.br. **Assédio Moral e Sexual**. Disponível em: <https://www.gov.br/cgu/pt-br/centrais-de-conteudo/campanhas/integridade-publica/assedio-moral-e-sexual>. Acesso em: 26 de agosto de 2022.
- BRASIL, Gov.br. **Mortalidade; Apresenta dados de mortalidade por câncer de mama no Brasil, regiões e estados**. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/inca/pt-br/assuntos/gestor-e-profissional-de-saude/controle-do-cancer-de-mama/dados-e-numeros/mortalidade>. Acesso em: 30 de setembro de 2022, atualizado em: 02 de dezembro de 2022.
- BRITO, Renata Ruel Xavier de. **Primeira árbitra do mundo, brasileira Léa Campos passa necessidade e pede ajuda**. ESPN, 2020. Disponível em: https://www.espn.com.br/blogs/renataruel/765276_primeira-arbitra-do-mundo-brasileira-lea-campos-passa-necessidade-e-pede-ajuda. Acesso em: 27 de abril de 2021.
- BOURGUIGNON, Jussara Ayres, **A particularidade histórica da pesquisa no Serviço Social**. Rev. Katál. Florianópolis, v. 10, n. esp, p. 46-54, 2007.
- ECOTEN, Márcia Cristina Furtado; CORSETTI, Berenice. **A Mulher no Espaço do Futebol: Um Estudo a Partir de Memórias de Mulheres**. Seminário Fazendo Gênero 9, 2010.
- ECOTEN, Márcia Cristina Furtado. **A Mulher no Espaço do Futebol: Um Estudo Partir de Memórias de Torcedoras Coloradas**. XXVII Simpósio Nacional de História, 2013.
- ESPAÇO RUBRO-NEGRO. **Torcida feminina do Flamengo: conheça a apaixonada Nação Empoderada**, 2022. Disponível em: <https://blog.espacorubronegro.com.br/torcida-feminina-do-flamengo/>. Acesso em: 11 de agosto de 2022.

ESPN. **“Lenda, fenômeno e representatividade”**: Formiga pelas palavras de quem acompanha sua carreira de perto. 2021. Disponível em: https://www.espn.com.br/espnw/artigo/_/id/9699900/lenda-fenomeno-e-representatividade-formiga-pelas-palavras-de-quem-acompanha-sua-carreira-de-perto . Acesso em: 23 de dezembro de 2021.

FERREIRA, Bia. **Não precisa ser Amélia**. São Paulo, Estúdio Showlivre, 2018, 4:90 min.

FREYRE, Gilberto de Mello. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal** / Gilberto Freyre; apresentação de Fernando Henrique Cardoso. — 481 ed. rev. — São Paulo: Global, 2003. — Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil; 1.

Folha de S. Paulo. **Regra 11 - Impedimento: É preciso enfrentar dois defensores**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/especial/fj09069821.htm>. Acesso em: 5 fev. 2023.

GERHARDT; Tatiana Engel. SILVEIRA; Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa**. Ed, UFRGS: 1ª edição: Direitos reservados desta edição: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOAL. **Quem é Renata Silveira, primeira narradora da história da Rede Globo?** 2022. Disponível em: <https://www.goal.com/br/not%C3%ADcias/quem-e-renata-silveira-primeira-narradora-da-historia-da/fm8mk1b4dj211gk84fm3ckies> . Acesso em: 12 de junho de 2022.

Globo Esporte. **A história do futebol feminino no Brasil**. 2019. Disponível em <https://interativos.ge.globo.com/futebol/selecao-brasileira/especial/historia-do-futebol-feminino> . Acesso em: 26 de agosto de 2022.

GUERRA, Yolanda Aparecida Demetrio. **A instrumentalidade no trabalho do assistente social**. Capacitação em Serviço Social e Política Social, Módulo 4: O trabalho do assistente social e as políticas sociais. CFESS/ABEPSS- UNB, 2000. revisado e atualizado, BH, maio de 2007.

IAMAMOTO, Marilda Villela, **O Serviço Social na cena contemporânea**. Brasília, Serviço Social: Direitos Sociais e Competências Profissionais, 2009.

MARCONI, Mariana de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. - São Paulo: Atlas, 2003.

MIRANDA, Débora. **Ela é Dona do Jogo: Renata Fan sabe como dominar a bola: “Não quero só inspirar mulheres. Quero inspirar homens também”**. UNIVERSA UOL, 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/reportagens-especiais/entrevista-renata-fan/#cover>. Acesso em: 11 de agosto de 2022.

MUSEU do Futebol. **I Encontro Nacional de Mulheres de Arquibancada**. Disponível em: <https://museudofutebol.org.br/crfb/eventos/662830/> . Acesso em: 26 de agosto de 2022.

NETTO, José Paulo. **Introdução ao estudo do método de Marx**. 1.ed.- São Paulo: Expressão Popular, 2011.

REZENDE, Daniela Leandro. **Patriarcado e formação do Brasil: uma leitura feminista de Oliveira Vianna e Sérgio Buarque de Holanda**. Pensamento Plural, 2015.

- ROQUE, Lorena Aparecida de Oliveira. **As dificuldades encontradas no futebol de campo feminino no Brasil**. PUC Goiás - Goiânia, 2020.
- SAFFIOTI, Heleieth, **Gênero, Patriarcado, Violência**. Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2.ed, São Paulo, 2015.
- SANTOS, Djamila Taís Ribeiro dos. **Quem tem medo do feminismo negro?**, Blog da Carta Capital, 2014; Editora Companhia das Letras, São Paulo, 2018.
- SILVA, Roberta Pereira da. **Campo de Terra, Campo da Vida: Interfaces das expressões cotidianas, a alternativas de resistência popular e o Negritude Futebol Clube**. Dissertação (Mestrado), 1 v. Curso de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2017.

ANEXOS:**ROTEIRO DE PERGUNTAS:**

- 1º Você já foi alvo de perguntas inapropriadas sobre seu time por ser mulher? do tipo, "o que é impedimento?" entre outras.
- 2º Costuma ver os jogos na companhia dos(as):
- 3º Se já viu o flamengo jogar de perto, como foi sua experiência no deslocamento de uma cidade a outra?
- 4º Sobre o acesso a itens direcionado ao flamengo, como camisetas por exemplo, na sua cidade é mais fácil encontrar esses itens para homens ou mulheres?
- 5º Já sofreu ou viu alguma mulher ser desrespeitada por gostar de futebol? explique.
- 6º Já tentou participar da torcida organizada da sua cidade que apoia o flamengo? por exemplo o consulado flasousa?
- 7º Você acha que nos dias atuais nós mulheres ainda temos que nos reafirmar enquanto torcedoras?
- 8º Já teve sua sexualidade posta em pauta por gostar de futebol?
- 9º Dentro da sua família os homens do seu convívio debatem futebol com você?
- 10º Você como torcedora encorajaria outras meninas/mulheres a acompanhar seus times, mesmo sabendo do campo ainda hostil para presença feminina? Explique.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O (a) Sr. (a) está sendo convidado (a) a participar da pesquisa “A importância do protagonismo feminino na construção de espaços igualitários: análise crítica acerca da desigualdade de gênero na torcida feminina do flamengo de Sousa-PB”, que tem como objetivo geral Analisar as desigualdades de gênero dentro da torcida do Flamengo na cidade em suma. Essa pesquisa é desenvolvida pela estudante Cleonice Peixoto Alves, do Curso de Serviço Social, sob a orientação do Prof. Me. Anderson Nayan Soares de Freitas, caracterizando-se como Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do título de Bacharel em Serviço Social. Quanto aos riscos, reconhecendo a possibilidade de desconforto, constrangimento que podem ocorrer, o pesquisador se compromete a tratar com o devido respeito, procurando minimizar qualquer risco que possa ocorrer durante a pesquisa. Dessa forma, pedimos a sua colaboração nesta pesquisa, respondendo a uma entrevista sobre o tema acima proposto que deverá ser gravada se o (a) Sr. (a) concordar participar. Garantimos que

a pesquisa não trará nenhuma forma de prejuízo, dano ou transtorno para aqueles que participarem. Todas as informações obtidas neste estudo serão mantidas em sigilo e sua identidade não será revelada. Vale ressaltar, que sua participação é voluntária e o (a) Sr. (a) poderá a qualquer momento deixar de participar deste, sem qualquer prejuízo ou dano. Comprometemo-nos a utilizar os dados coletados somente para pesquisa e os resultados poderão ser veiculados através de artigos científicos e revistas especializadas e ou encontros científicos e congressos, sempre resguardando sua identificação. Todos os participantes poderão receber quaisquer esclarecimentos acerca da pesquisa e, ressaltando novamente, terão liberdade para não participarem quando assim não acharem mais conveniente. Contatos e esclarecimentos da pesquisa com o Prof. Orientador Anderson Nayan Soares de Freitas: (88) 9.9906-1272/anderson.nayan@hotmail.com e com a estudante pesquisadora: (83) 9.9172- 6258/cleonicepeixoto@outlook.com .Este termo está elaborado em duas vias sendo uma para o sujeito participante da pesquisa e outro para o arquivo do pesquisador. Eu, _____ tendo sido esclarecido(a) a respeito da pesquisa, aceito participar da mesma. Sousa-PB, _____ de _____ de 2022.

Assinatura do(a) Participante

Assinatura do pesquisador
